

# **ESCOLA MUNICIPAL BARÃO DE MACAÚBAS**

**Adélia Santos  
Da Escola Municipal  
Barão de Macaúbas/RJ**

**S**ou diretora da Escola Municipal Barão de Macaúbas em Inhaúma, periferia do Rio de Janeiro. A escola atende, em sua grande maioria, alunos moradores de quatro favelas da região. Ao assumir a sua direção, em setembro de 1984, encontrei a comunidade escolar em greve, como sinal de protesto contra a minha nomeação. Uma greve articulada que, inclusive, mereceu a cobertura dos órgãos da imprensa falada e escrita. Apesar de eu ter estudado e posteriormente lecionado nessa escola, a comunidade se recusava a aceitar uma negra na direção.

Entretanto, como pessoa assumida enquanto negra, militante do Movimento Negro, resolvi aceitar o desafio. Além disso, eu tinha o apoio dos órgãos governamentais. Fora nomeada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, e sabia que não poderia ser demitida.

Neste episódio, os professores se omitiram, alegando que não tinham nada a ver com o movimento. Mas ao assumirem essa postura neutra, ficou patente que eles estavam solidários com os alunos. Por isso, resolvi esquecê-los e iniciei o meu trabalho.

Depois de uma ampla panfletagem no bairro — enviei uma carta aberta aos 395 alunos explicando quem eu era — a situação começou a melhorar. Apa-

receram alguns alunos, e o movimento foi perdendo a força.

Comecei dialogando com eles, fazendo, sobretudo, um trabalho de sensibilização. Por ocasião do dia 20 de Novembro promovemos a Missa dos Quilombos e uma homenagem a Zumbi, que tanto os alunos como os professores desconheciam.

No início, éramos apenas quatro pessoas, pois eu contava apenas com a colaboração da secretária, da supervisora e da orientadora educacional que já se encontravam na escola, e com a diretora adjunta que eu trouxera para me auxiliar no trabalho de direção.

Já no ano de 1985, pudemos realizar um trabalho mais elaborado. Fizemos um projeto que previa a abordagem da questão racial, como um deflagrador das outras atividades. Da parte do Movimento Negro, tivemos muito apoio. Os companheiros, sempre que convidados, compareciam à escola para realizar debates, palestras. Nessas ocasiões, interrompiam-se as atividades e, todos alunos, professores e, mesmo, pais — eram convocados para assistirem às palestras. Era, inclusive, obrigatório: muitas vezes tive que ser autoritária para conseguir realizar os meus objetivos.

Durante este ano de 1985, trabalhamos, também, com a questão da identidade. À medida que fui conhecendo melhor a escola percebi que os alunos negros eram comumente tratados por apelido, até mesmo pelos professores, que justificavam a sua atitude alegando que as próprias crianças se tratavam daquela maneira e que também seria difícil decorar os seus nomes.

Comecei, então, a trabalhar esta questão, incentivando os alunos a se chamarem pelo nome, a não aceitarem o apelido. Falei com os professores e tive apoio de pelo menos dois deles. Pois até hoje, os professores antigos, aqueles que resistiram à minha nomeação, dificilmente colaboram e eles são a maioria na escola. Deste modo, para evitar que minhas propostas fossem boicotadas eu ia pessoalmente às salas de aula ou chamava todos para o pátio e discorria sobre a questão da identidade, da importância de se tratar a pessoa pelo nome. Aos poucos, isso foi mudando.

Ainda, durante o ano de 1985, nos dedicamos à tarefa de observar o que acontecia na escola, as atitudes dos professores, os estereótipos que transmitiam aos alunos, a maneira como estes eram distribuídos nas salas de aula. A respeito disso, eu sempre sugeria aos professores para não deixarem os alunos no fundo da sala — lugar onde o negro costuma se colocar — e os manterem próximos de si e dos demais alunos.

Começamos, também, a cuidar da alfabetização, baseando-nos nas propostas de Paulo Freire.

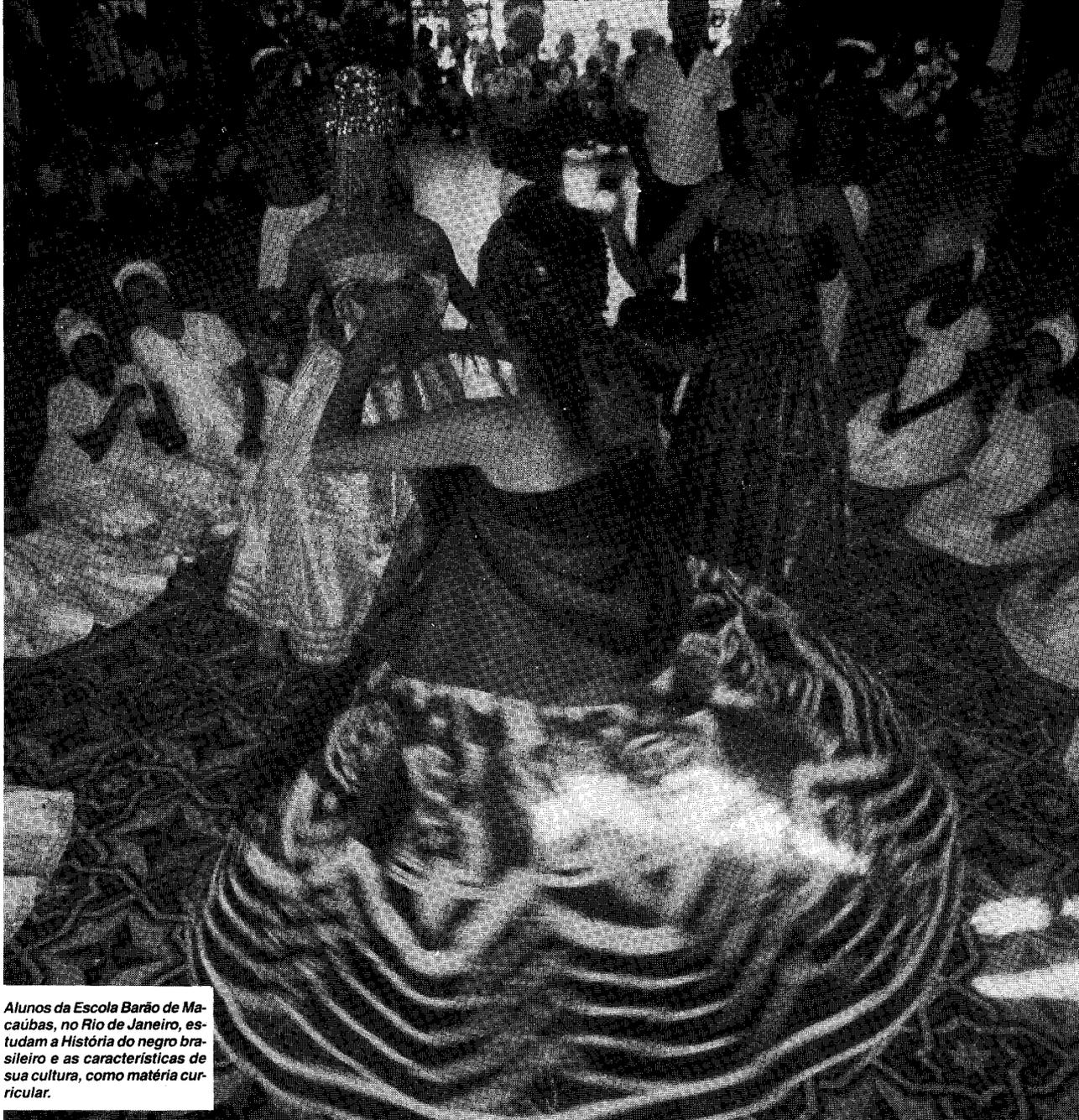


Foto de Almir Veiga

Alunos da Escola Barão de Macaúbas, no Rio de Janeiro, estudam a História do negro brasileiro e as características de sua cultura, como matéria curricular.

Inicialmente, realizamos um seminário para nos familiarizarmos com as suas idéias, pois os professores as desconheciam. A despeito das resistências, abolimos a cartilha e passamos a trabalhar com o vocabulário das próprias crianças, com a sua própria vivência. Discutimos questões que fazem parte do seu dia a dia, tais como o trabalho da mulher — a maioria das mães dos alunos são domésticas — o quarto de empregada, a Constituinte. Nessa tarefa, nos utilizamos muito do desenho como uma forma de estimular a criança a se expressar.

Naturalmente é necessário força de vontade e muita disposição para essa tarefa. As dificuldades são inúmeras, os professores, mesmo os mestiços, não estão informados sobre a cultura afro-brasileira, e as pessoas têm dificuldade em se assumirem como negros. Além disso, é difícil motivá-las para uma proposta que exige empenho, pois elas, em geral, tendem a se acomodar. Mas é necessário começar a agir

e, em alguns momentos, até adotar uma atitude radical para se conseguir alguma coisa. Não podemos esperar que os outros se sensibilizem, porque deste modo não começaremos nunca.

Nesses dois anos de trabalho, conseguimos eliminar a evasão escolar e diminuir muito o índice de repetência<sup>1</sup>. Neste ano, por exemplo, começamos o processo de alfabetização com cinco turmas e estamos chegando no final do ano com cerca de 26 alunos reprovados. Isso prova que se tivermos força de vontade, conseguiremos muita coisa.

<sup>1</sup> A despeito do trabalho desenvolvido pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, o índice de repetência na 1ª série é alarmante.